



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v12.1015>

Tudo escoa: a relação com o tempo na Modernidade e uma possível sintomatologia dos tempos pandêmicos

And so on: the relationship with time in Modernity and a possible symptomatology of pandemic times

Bianca Camargo de Lima¹

Resumo

Neste artigo, nosso problema se liga à relação do homem com o tempo na Modernidade segundo esboçaram Lima Vaz, Beckett, Rosa, Han, Souza e Bauman. A partir deles, temos como objetivo geral mapear sintomas patológicos desse vínculo durante pandemia de COVID-19. Nosso método de pesquisa é analítico-descritivo de maneira crítica. Como resultados, exploramos a noção do tempo como central para elucidação de problemas filosóficos da contemporaneidade, tais quais a imanentização e o peso ontológico dado à existência. Com o dramaturgo irlandês, tocamos no escoamento do tempo e das desilusões metafísico-religiosas do homem atual. Em contexto de aceleração da técnica e da intensificação de tecnopolíticas, examinamos o esgotamento e o esvaziamento sentidos na Modernidade e, de modo especial, durante o isolamento social. Por sua vez, com o auxílio do sociólogo polonês, olhamos para a contraposição entre o mundo sólido e nosso mundo líquido, bem como seus impactos sobre as relações humanas. Já em nossas considerações finais, propomos ainda um retorno à admiração e ao espanto, em termos aristotélicos, como fármaco contra o tédio e a angústia niilistas que assolam nossa vida corrente.

Palavras-chave: Tempo. Modernidade. Pandemia de COVID-19. Esgotamento. Tecnopolíticas.

Abstract

In this article, our problem is linked to the relationship between man and time in Modernity, as thought by Lima Vaz, Beckett, Rosa, Han, Souza and Bauman. According to them, our general objective is to map pathological symptoms of this relationship to time during the COVID-19 pandemic. Our research method is analytical-descriptive in a critical fashion. As a result, we explore the notion of time as central to elucidating contemporary philosophical problems, such as immanentization and the ontological weight given to existence. With the Irish playwright, we reflect upon the flow of time and the metaphysical-religious disillusion of today's man. In the context of the acceleration of arts and the intensification of technopolitics, we examine exhaustion and emptying in modern times, and, especially, during social isolation. In turn, through the Polish sociologist's theory, we look at the contrast between the solid world and our liquid one, as well as their impacts on

¹ Mestranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), bolsista pelo Programa de Excelência Acadêmica - PROEX (CAPES).
E-mail: bilimacamargo@gmail.com

human relationships. In our final remarks, we propose a return to admiration and astonishment, in Aristotelian terms, as a remedy against the nihilistic boredom and anguish which hover over our current life.

Keywords: Time. Modernity. COVID-19 pandemic. Exhaustion. Technopolitics.

VLADIMIR (depois de um momento de espanto) Aí a gente decide. (Pausa)
Estava dizendo que as coisas mudaram por aqui, de ontem para hoje.

ESTRAGON Tudo escoa.

(BECKETT, 2017, p. 78 *apud* THOMÉ; DELLA GIUSTINA, 2019, p. 94).

Introdução

Em *Raízes da Modernidade* (2002), Lima Vaz dispõe-se a analisar o solo fértil que pôde gestar os tempos atuais em sua substancialidade intelectual. Segundo o pensador brasileiro, a introdução e a tradução de algumas obras aristotélicas no Ocidente dos séculos XII e XIII (VAZ, 2002, p. 36), bem como sua assimilação à teologia cristã por via de Tomás de Aquino, são um passo relevante para o que resultaria da passagem da transcendência para imanência e da essência para existência (VAZ, 2002, p. 164) na modelagem das filosofias moderna e contemporânea. No entanto, em sua arquitetura teórica, aponta-se para o fato de que “[...] é sobre o fundo dessa mudança radical da relação do ser humano com o tempo que os traços mais característicos da nossa Modernidade podem ser desenhados” (VAZ, 2002, p. 14). Dessarte, para traçarmos nossa reflexão sobre a Modernidade e sobre sua reação à pandemia de COVID-19 na tentativa de uma sintomatologia, escolhemos tratar especialmente do tempo e de sua relação com o homem moderno.

Para tanto, faz-se necessário explicitar o que Lima Vaz entende quando diz *Modernidade*. Em suas palavras, lemos:

Modernidade, na acepção com que aqui empregamos este termo, pretende designar especificamente o terreno da urdidura das ideias que vão, de alguma maneira, anunciando, manifestando ou justificando a emergência de novos padrões e paradigmas da vida vivida. Em suma, Modernidade compreende o domínio da vida pensada, o domínio das ideias propostas, discutidas, confrontadas nessa esfera do universo simbólico que, a partir da Grécia, adquire no mundo ocidental seu contorno e seu movimento próprios e que denominamos mundo intelectual (VAZ, 2002, p. 12, destaque do autor).

Embora tenha proposto que “[...] é da Modernidade pós-renascentista que tentamos identificar as raízes” (VAZ, 2002, p. 12), interessa-nos notar que o teórico localiza estados embrionários da mentalidade moderna desde a Antiguidade Clássica. Isso se dá porque a “[...] Modernidade só se constitui como estrutura de um universo simbólico quando a Razão, no seu uso teórico explícito ou formalizado (*lógos* demonstrativo) emerge definitivamente como instância reguladora do sistema simbólico da sociedade” (VAZ, 2002, p. 13). Ou seja, se a Modernidade remete a um sistema simbólico em que se centralizam a razão e seu uso demonstrativo, então suas raízes mais arcaicas se remontam à emergência da filosofia na Grécia do século VI a.C. (VAZ, 2002, p. 13). Para refletir sobre a formação da mentalidade do Ocidente, pois, não se pode desgarrar do nascimento de uma forma de pensar *sui generis* na pólis helena. E essa remissão aos gregos ainda nos elucida traços germinais do relacionamento do homem com o tempo, como podemos ver abaixo:

O primeiro e mais decisivo impacto dessa reorganização dos símbolos fundamentais de representação do mundo ocorre na percepção e na consciência do tempo. Verifica--se aqui a emergência de um presente qualitativamente novo onde se exerce o ato da razão. Já nos sofistas e em Platão a consciência do tempo é uma consciência moderna, sendo essencialmente uma consciência histórica. Ela se impõe como tarefa a releitura do tempo *presente*, contendo uma retrodição crítica do *passado* e a predição racional do *futuro*. Trata-se, pois, de uma consciência modal, envolvida na decifração do modo *presente* do tempo (*modus, modernum, modernitas*: o tempo, a qualidade, a essência) (VAZ, 2002, p. 13, destaques do autor).

Da citação, aprendemos que, desde os antigos, o presente passou a ser pautado como o instante em que se exerce o ato racional. Se o ato racional é executado pelo homem no tempo, logo, pode-se pressupor que a consciência que toma base na razão é também uma consciência histórica. A consciência moderna, por conseguinte, tem em seus traços específicos ser racional e histórica, já que é por sua inscrição no tempo que se pode realizar as faculdades do *lógos*. A linha do tempo coloca-se, então, da seguinte maneira: pensamos no *presente* e, sobretudo, podemos fazê-lo tanto em releitura crítica do *passado* como em previsão racional do *futuro*. A razão perpassa, portanto, a temporalidade moderna.

A relação com o tempo na Modernidade e a pandemia de COVID-19

Com o advento de mecanismos de mensuração de tempo mais eficazes, testemunha-se o fortalecimento do senso de privilégio da presentidade, conforme verificamos em seguida:

Ora, é evidente que a forma de relação com o tempo, segundo o modo de privilégio do presente, supõe um avançado domínio do tempo em termos de seriação cronológica de eventos e de medida dos intervalos temporais. Supõe, em suma, a constituição de ciências empíricas do tempo, seja do tempo físico, diretamente matematizável (astronomia, física), seja do tempo humano, ordenado na narração de eventos e atores segundo um paradigma peculiar de causas e efeitos (história). Podemos, pois, considerar como traço essencial na fenomenologia da Modernidade ocidental, tal como se constituiu nos chamados tempos modernos, um espetacular avanço no domínio do tempo (VAZ, 2002, p. 13).

Daí, depreende-se que, se a história do pensamento moderno confunde-se com a emergência do pensamento filosófico, então a supremacia da razão, em harmonia ao avanço no domínio do tempo, não pode ser desvinculada do processo. Sobremaneira, essa imbricação é irreversível e irresistível, sendo essas as mesmas qualidades com que Vaz predicou o “[...] processo de modalização do tempo centrado no privilégio do presente” (VAZ, 2002, p. 14). Na letra de Vaz, o desvelamento dessa lida com o tempo

[...] provoca, aliás, uma tensão dramática entre a regularidade do tempo físico na precisão infinitesimal da sua medida e a aceleração do tempo histórico, a irrupção do novo na rotina do presente. Podemos, de resto, observar que a crise atual da Modernidade, caracterizada pelo espriar-se do niilismo, pode ser identificada como ruptura dessa tensão, ou seja, pela perda do domínio do presente como instância crítica para a avaliação do tempo histórico. Daqui procede a incompreensão do passado, tido como peso inerte da tradição, e a recusa do futuro, rejeitado como indecifrável enigma. A consequência facilmente observável é o abandonar-se niilisticamente ao infinito tédio do presente (VAZ, 2002, p. 14).

Nesse ponto, lemos um diagnóstico possível para o niilismo frequente das linhas filosóficas contemporâneas. Para além da filosofia, notamos que essa ruptura com a tensão dramática acaba por desaguar em desilusões, representadas também em outras áreas da cultura. Deixa-se mesmo de considerar o discurso religioso como elemento norteador e homogeneizador de discussões éticas, por exemplo. Ademais, apaga-se a transcendência metafísica como um dos critérios para validade e legitimidade. Implodem-se as verdades universais até, por fim, a ameaça aos

alicerces e aos limites da ciência por via do abuso da técnica, como denunciou Heidegger e como testemunharam tristemente Hiroshima e Nagasaki. Aqui, faz-se referência ao texto *A questão da técnica* (1953/2008), de Martin Heidegger, em que se defende que

[...] não sendo nada de técnico a essência da técnica, a consideração essencial do sentido da técnica e a discussão decisiva com ela têm de dar-se num espaço que, de um lado, seja consanguíneo da essência da técnica e, de outro, lhe seja fundamentalmente estranho (HEIDEGGER, 2008, p. 37).

Em herança a esse embaçar de temporalidades, da descrença na projeção de possibilidades, da desvalorização e da tentativa de desconstrução da tradição, encontramos as personagens como as de Samuel Beckett, escritor e dramaturgo irlandês, com que abrimos este artigo. Nas ruínas daquilo que teria se erigido sobre resquícios dos dogmatismos metafísicos, como acenou Kant, as personagens beckettianas ilustram a ruptura do homem moderno, especialmente o sobrevivente das grandes guerras, com as certezas, as verdades universais e as estratificações permanentes. Sem raízes transcendentais, o tempo esvai-se, escoá-se. Ora, tudo escoá. Não se compreende o passado e recusa-se o futuro. O presente torna-se, pois, o lugar do tédio, o local da espera perpétua por alguém que não se conhece ou de quem se esqueceu. Seria a espera por *Godot* ou por *God*?

Paradoxalmente, o mesmo tédio é retomado pelo sociólogo alemão Hartmut Rosa em *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da Modernidade* (2005/2019). Segundo o teórico, “a experiência de modernização é uma experiência de aceleração [...]” (ROSA, 2019, p. 44, destaque do autor). Tal qual apresentada pela fórmula física newtoniana, a aceleração pretende medir a variação da velocidade pelo tempo. Conforme defende o germânico, o processo de modernização vincula-se intimamente ao aumento de velocidade ao longo do tempo em estruturas sociais específicas. Embora hesite em determinar as fronteiras entre o que é anterior, exemplar dele ou posterior ao moderno, Rosa (2019) parece ver nessa ruptura da relação com o tempo uma marca característica do que se estudou como Modernidade na sociologia. Ainda, o teórico defende que a aceleração social pode ser vista em três dimensões, quais sejam: aceleração técnica, aceleração da mudança social e aceleração do ritmo de vida.

Como acenado no pensamento de Vaz (2002), a questão da racionalização do tempo é retomada no pensamento roseano. Em seu turno, a aceleração moderna

parece questionar a viabilidade da previsão por via da razão apontada no nascimento da filosofia. Em suas palavras, lemos:

A transformação acelerada das condições de vida, instituições e relacionamentos, ou seja, a aceleração da mudança social, apresenta aos indivíduos o problema de terem que planejar suas vidas a longo prazo para dar-lhes uma certa estabilidade resistente ao tempo, sem, no entanto, poderem fazê-lo de forma racional em face da crescente contingência das relações sociais (ROSA, 2019, p. 33).

Da citação, sublinhamos o corte representado pelo contingente na possibilidade de planejamento racional frente às relações sociais modernas. Pensamos que esse movimento disruptivo concorda com o diagnóstico de imanentização do arcabouço filosófico ocidental, a partir dos séculos XII e XIII, esboçado pelo pensador brasileiro (VAZ, 2002). Em contraste com as incertezas e a instabilidade ocasionadas pela aceleração, Rosa (2019) resgata o tema do tédio, da lentificação de alguns processos e, até mesmo, da inertificação de outros. Além dos casos flagrantes do aumento de congestionamentos em grandes cidades, o sociólogo assevera:

Lentificação e obstruções ocorrem na sociedade moderna em proporção cada vez mais frequente e grave como efeitos colaterais indesejados de processos de aceleração. Contam aqui fenômenos disfuncionais de desaceleração e formas patológicas da lentificação. [...] as pesquisas mais recentes encontram mais e mais evidências de que adoecimentos depressivos podem ocorrer como uma reação patológica à pressão aceleratória social. Em fases da depressão, o paciente é frequentemente confrontado com a impressão de que o tempo parou ou se transformou numa massa enrijecida (ROSA, 2019, p. 166).

No excerto, o enrijecimento do tempo vivido pelo paciente depressivo é posto como reação à pressão da aceleração social. Mais à frente em seu livro, Rosa (2019) tratará do fenômeno da *dessincronização*, que parece ser basilar para compreender a sensação destoante experienciada por um indivíduo depressivo em uma sociedade crescentemente aceleratória. Daí, retomamos o paradoxo exposto pelas personagens de Beckett. Mesmo que o tempo escoe, de ontem para hoje, o tédio é estanque. Para endereçar essa contradição, o sociólogo diz:

De forma análoga ao paradoxal “duplo diagnóstico”, simultâneo, da aceleração da transformação social e da inertificação do desenvolvimento social é possível encontrar na história da Modernidade queixas periódicas a respeito do aumento da velocidade da vida, e de um ritmo de vida cada vez mais acelerado, aos quais são relacionados características adoecedoras, sobretudo na forma de nervosismo e sobrecarga, que

curiosamente são acompanhadas de um “subtexto” contrário, no qual se reclama do tédio estático da vida moderna [...] (ROSA, 2019, p. 32).

Ora, parece estar no fundamento de uma possível psicopatologia moderna – ou de nossa tentativa de sintomatologia - a contradição entre a fluidez acelerada do tempo social e o tédio estático vivido pelo sujeito, acompanhado por sua sobrecarga. Se recorrêssemos à física mais uma vez, poderíamos pensar que, na ampliação da carga, aumenta-se o trabalho e, conseqüentemente, o gasto energético para realização de um deslocamento. Da fórmula do trabalho de uma força na física, adaptemos o termo *trabalho* para *desempenho* em relações sociais. Não é sem motivo que nos remontamos, a partir desse ajuste, ao raciocínio desenhado pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han em *Sociedade do cansaço (2010/2017)*. Em citação direta do ensaísta, constamos:

O sujeito de desempenho esgotado, depressivo está, de certo modo, desgastado consigo mesmo. Está cansado, esgotado de si mesmo, de lutar consigo mesmo. Totalmente incapaz de sair de si, estar lá fora, de confiar no outro, no mundo, fica se remoendo, o que paradoxalmente acaba levando a autoerosão e ao esvaziamento. Desgasta-se correndo numa roda de hamster que gira cada vez mais rápida ao redor de si mesma (HAN, 2017, p. 91).

Do que foi supracitado, não podemos deixar de ressaltar o esgotamento do sujeito depressivo perante a roda de hamster da aceleração social. Esse caráter iterativo das conformações modernas pode ser, pois, uma das causas para o tédio. Na rubrica de abertura da peça *Esperando Godot (1952/2017)*, verificamos esses dois itens – repetição e exaustão - incitadores do esvaziamento:

Estrada no campo. Árvore. Entardecer.
Sentado sobre uma pedra, Estragon tenta tirar a bota. Faz força com as duas mãos, gemendo. Para, *exausto*; descansa, ofegante; *recomeça. Mais uma vez.*
Entra Vladimir (BECKETT, 2017, p. 15, destaques nossos).

Do teatro do absurdo, passemos à realidade da situação atual. Não obstante consideremos plausível a tese que toma a pandemia de COVID-19 como uma situação-limite, uma catástrofe (MIYAMOTO; GUIMARÃES-FERNANDES; CERON-LITVOC, 2020), não concordamos que esse caráter tenha sido suficiente para configurar uma ruptura com uma suposta realidade anterior. Abrimos espaço para essa hipótese a seguir:

Pensar a pandemia como uma catástrofe é abraçar a ideia de que, embora a realidade esteja em constante mudança, houve, durante a transformação atual, uma ruptura de tal intensidade que deu origem a uma nova realidade. Nesta nova realidade, os planos são temporariamente suspensos, os encontros com amigos e família cancelados, compromissos adiados - sem qualquer fim previsível para esta suspensão. Em termos mais gerais, a atividade como um fenômeno está restrita ao futuro imediato, portanto transformando a expectativa em fenômeno preponderante (MIYAMOTO; GUIMARÃES-FERNANDES; CERON-LITVOC, 2020, p. 41).

Com o que argumentamos até aqui, a suspensão de planos não é suficiente para caracterizar uma mudança de paradigmas, uma vez que já era característico à Modernidade a incerteza quanto ao planejamento e, por conseguinte, ao futuro. Assim, ao invés da expectativa como fenômeno preponderante, voltamos a apostar no tédio como resposta ao isolamento social. Ademais, esse tempo vivido não pode ser dissociado de questões espaciais durante a crise sanitária vigente. Prof. Dr. Jean Naudin, psiquiatra francês, constata que “o mundo modela-nos absurdamente, vivemos enclausurados em caixas e molduras” (NAUDIN, 2020, p. 113) e que, durante a pandemia, “quando não se pode ver o rosto enquanto se fala, nem tocar e ser tocado pelo outro, o mundo corre o risco de se desencarnar, a própria carne do mundo se desnatura, o tempo se esvazia desmesuradamente” (NAUDIN, 2020, p. 113). Em soma aos gestos das personagens beckettianas, a tonalidade temporal dissecada anteriormente é recoberta pelo peso da ameaça de morte na contemporaneidade.

“Na fissura deste tempo esvaziado é que se apresenta aquilo que Schutz chamou ansiedade primordial. Esta ansiedade é a da morte. É um pavor (somente esta palavra pode representar essa ansiedade) que não aparece nos tempos comuns” (NAUDIN, 2020, p. 113). No testemunho do médico, ouvimos:

Encontrei profissionais que realizam ressuscitação cardiopulmonar confrontados com a morte de seus pacientes em um lar de idosos, que, solitários, morrem em massa, sem que seus entes queridos possam visitá-los; em total solidão. Tive de internar um médico que não suportou a agonia de outro médico enquanto este mal conseguia respirar. Muitos dentre eles então manifestaram o que a psiquiatria clássica chama, em sua violência categórica, um transtorno de humor, um estado maníaco, um estado misto, mas que nada mais é do que uma forma profunda de angústia ligada ao tempo vivido enquanto esvaziamento e que tem precedência sobre a experiência natural, uma forma tirânica da experiência vivida (NAUDIN, 2020, p. 113).

O esvaziamento descrito por Beckett, em 1952, e por Han, em 2010, não pode

ser visto como uma realidade radicalmente diferente dessa descrita pelo psiquiatra francês em 2020. Por isso negamos a tese de uma ruptura. Embora possa ter se apresentado com traços catastróficos, a pandemia de COVID-19 apenas intensificou sintomas que já podem ser localizados desde as raízes da Modernidade. Mais um novo timbre apavorante é concedido pela fala: “Tudo aquilo que é evidente no momento presente não tem um fim: sabemos que isto não é para sempre. Mas o agora está suspenso, postergado, sem sabermos até quando” (NAUDIN, 2020, p. 114). Voltamos, com isso, ao enrijecimento do tempo aos olhos reativos do depressivo, como constatou Rosa ainda em 2005.

É necessário esclarecer que não tentamos apagar os efeitos devastadores da atual pandemia. Pelo contrário, ao tentarmos estabelecer uma continuidade com sintomas sociais anteriores, pretendemos buscar as origens do “abismo da necroética”, como denominou Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza em *Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência* (2020). Em um contexto de aceleração da técnica e da intensificação de tecnopolíticas, lembramos suas ponderações:

Um tempo que não passa mais é um tempo absoluto, ou seja, nada. A cronologia, ao acoplar o louco deus *Chronos* ao *lógos*, testemunhava ainda a esperança de que, através de relógios e calendários, o mundo se reinventasse ciclicamente, ou seja, que os acontecimentos fossem, de algum modo, novamente revestidos de significação quando do retorno do calendário ao dia inicial ou do relógio à hora zero. O que se tem agora, porém, é algo completamente diferente; Cray a denomina acertadamente de “redundância estática”, o que significa a radicalização extrema da ausência da possibilidade de experiências, no sentido benjaminiano da expressão. [...] Não são pessoas que habitam esse novo mundo do estático infinito, mas sim quimeras fragmentadas no processo inelutável e massificante de constituição de uma máquina *moto perpetuo* cuja única referência é ela mesma em sua solidão absoluta (SOUZA, 2020, p. 133).

Retornar à dúvida da depressão como epidemia do século XXI (SUMMERFIELD, 2006) pode se alinhar com a absolutização do tempo, a transformação de pessoas em quimeras fragmentadas ou, em termos beckettianos, em Estragons e Vladimires. Na espera do fim da pandemia, vemo-nos isolados na solidão e no tédio de um tempo que parece escoar enquanto se enrijece em dias sequencialmente iguais. Nosso contato com a *pólis* passa a ser mediado por tecnologias de informação e comunicação (TIC's) e, em um clique, passamos a ser cidadãos de uma ágora tecnopoliticamente digital.

Ao modo pelo qual se levantam tais sintomas, Vaz deu o nome de *fenomenologia da Modernidade*, em que se descrevem “[...] as características singulares que distanciam cada vez mais essa última época da história, e o indivíduo por ela modelado, de todos os estilos de vida humana até então conhecidos” (VAZ, 2002, p. 29). A aplicação do método fenomenológico promete estudar o espaço de difusão e de “[...] refração das ideias elaboradas no mundo intelectual na organização social, nas instituições, na escala dos valores, nas crenças e, finalmente, na consciência comum” (VAZ, 2002, p. 12). Para contribuir à nossa diagnose, convocaremos Bauman.

Antes, todavia, precisamos ressaltar que, enquanto Vaz não considera a pós-modernidade como categoria de análise válida, visto que estende a Modernidade até os dias atuais, Bauman trabalha com o conceito de pós-modernidade em seu sistema. No livro sobre o qual estamos nos debruçando de Vaz, o autor, na nota 33, afirma que:

A chamada pós-modernidade arrisca-se a ser apenas um recurso retórico ou publicitário, pois nada indica, passados mais de trinta anos da crise de 1970, que a modernidade tenha perdido sua capacidade de autotransformação. Ao contrário, seu núcleo dinâmico - o indivíduo - continua mais ativo do que nunca (VAZ, 2002, p. 29).

No que tange aos limites de nossa familiaridade com os escritos de Bauman, não pudemos encontrar referências históricas ou datas que sirvam para a delimitação do que seriam a pré-, a pós- ou a própria Modernidade. Em contraste, o sociólogo parece propor determinados tipos ideais de comportamentos e de tendências sociais como critérios de demarcação. Assim, não damos séculos de localização aos nossos leitores por não os termos encontrados em nossa pesquisa. Oferecemos, contudo, um trecho em que o pensador polonês discorre sobre a noção de pós-modernidade e sobre seu possível fim em relação com a aceleração das temporalidades contemporâneas:

O que leva tantos a falar do “fim da história” da pós-modernidade, da “segunda modernidade” e da “sobremodernidade” ou a articular a intuição de uma mudança radical no arranjo do convívio humano e nas condições sociais sob as quais a política-vida é hoje levada, é o fato de que o longo esforço para acelerar a velocidade do movimento chegou a seu “limite natural”. O poder pode se mover com a velocidade do sinal eletrônico - e assim o tempo requerido para o movimento de seus ingredientes essenciais se reduziu à instantaneidade. Em termos práticos, o poder se tornou verdadeiramente extraterritorial não mais limitado, nem mesmo desacelerado, pela resistência do espaço (o advento do telefone celular serve bem como “golpe de misericórdia” simbólico na dependência em

relação ao espaço: o próprio acesso a um ponto telefônico não é mais necessário para que uma ordem seja dada e cumprida (BAUMAN, 2001, pp. 18-9).

A despeito dos desencontros de marcos referenciais históricos, vemos que Vaz, Rosa e Bauman concordam ao considerar a aceleração como um dos signos dos tempos modernos. Em menção à política, Bauman pode mesmo nos aproximar de sua dimensão tecnopolítica ao endereçar o poder tornado extraterritorial pela velocidade de um sinal eletrônico, por via da ubiquidade da técnica e da instantaneidade das relações sociais contemporâneas. Tendo feito os ajustes, passemos às próximas contribuições do sociólogo polonês.

A Modernidade Líquida de Zygmunt Bauman

Nesta etapa, temos como objetivo examinar o funcionamento da sociedade contemporânea à luz do pensamento de Zygmunt Bauman (1925-2017), sociólogo e filósofo polonês. Para tanto, tomaremos como referência *Liquid Modernity* (Modernidade Líquida), obra publicada na virada do milênio e que se propõe a analisar as novas configurações da pós-Modernidade. O estado de coisas atual pode ser pensado, consoante o que nos aconselha Bauman, por meio do binômio mundo sólido e mundo líquido. Longe de engessar sua reflexão, o par de conceitos pretende dar conta da mudança qualitativa de categorias mentais assistidas na passagem da época pré-moderna para a moderna, com repercussões na pós-modernidade. Em linhas gerais, dedicamo-nos, pois, a (I) definir as noções de mundo líquido e de mundo sólido; (II) demarcar as características diferenciadoras dos dois mundos; (III) explicitar o funcionamento da sociedade atual com base nessas categorias e (IV) refletir sobre suas implicações nas relações humanas.

A apropriação dos predicados de solidez e liquidez deve sua fonte às ciências naturais. Ora, “‘fluidez’ é a qualidade de líquidos e gases. [...] Essa contínua e irreversível mudança de posição de uma parte do material em relação a outra parte quando sob pressão deformante constitui o fluxo, propriedade característica dos fluidos” (BAUMAN, 2001, p. 8). Segundo a física, isso significa dizer que é típico que os fluidos assumam a forma de seu continente, se armazenados, ou que se comportem em fluxo quando tensionados. “Em contraste, as forças deformantes

num sólido torcido ou flexionado se mantêm, o sólido não sofre o fluxo e pode voltar à sua forma original” (BAUMAN, 2001, p. 8).

A solidez de um sólido, portanto, refere-se à sua não conformidade necessária ao seu continente, à incapacidade de gerar fluxo e à resiliência frente às deformações sofridas, dentro de certos parâmetros. Ou seja, o sólido mantém sua forma independente de formas externas a si devido à relativa estabilidade de liga entre seus átomos. Sua forma, no entanto, pode ser alterada sob a influência de calor, por exemplo. Nesse caso, diz-se que o sólido perdeu sua forma, ao ser derretido, isso é, que se tornou líquido. Vemos, com isso, que liquidez pode ser tanto um estado original de certo conjunto de átomos ou estado final da mudança de estado físico de algo que já foi sólido. É a essa metáfora do derretimento de sólidos e da liquefação de ligas estáveis que acena Bauman quando a emprega para entender as engrenagens sociais contemporâneas.

Em tentativa de definições, podemos dizer que o mundo sólido é pautado pela estabilidade de ligas entre os átomos sociais, sem mudanças repentinas de formas ou fluidez, a não ser quando sob a ação de forças intensas. O derretimento dessas estruturas deve ser atribuído a revoluções calorosas, por conseguinte. No século XX, testemunhamos guerras, avanços das tecnologias e crises econômicas como eficientes catalisadores. Em seu turno, na passagem para o mundo líquido, damo-nos com as incertezas, com a impermanência, com a fluidez que foge à determinação de formas fixas, com a instantaneidade e com a dificuldade de estabelecimento de pontos estanques no fluxo. “Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa” (BAUMAN, 2001, p. 9). Com o advento das tecnologias de comunicação e de transporte, a velocidade e a aceleração dos fluxos informacionais, econômicos e, enfim, transacionais, acabaram por diminuir as distâncias e romper com durações temporais. Assim, o funcionamento da sociedade atual elege a *fluidez* como principal metáfora.

Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da Modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas - os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2001, p. 13).

Cientes da impossibilidade da cesárea entre indivíduo e sociedade, as implicações nas relações humanas espelham o novo paradigma social. Desse jeito, essas relações estão cada vez mais instáveis e informes, donde se pode também derivar a expressão “amor líquido”. Além disso, vemos a crescente relação

[...] cambiante entre espaço e tempo. A Modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação (BAUMAN, 2001, p. 13).

A condição humana, logo, vê-se atravessada pelos imperativos e inseguranças forjados pela fluidez em âmbitos nucleares, tais quais a emancipação, a individualidade, o tempo/espaço, o trabalho e a comunidade. Inclusive, são esses os tópicos que balizam a teorização de nosso estudioso polonês. Sem esgotar o assunto, entretanto, esperamos ter cumprido minimamente com nossas promessas iniciais, isso é, de perceber o que delimita e o que difere entre si mundo sólido e o líquido e, na atualidade, como esse último influi em nosso funcionamento na esfera social e nas relações humanas.

Considerações finais (ou convite)

É alucinante pensar que se tenham considerações finais e finalizadoras a respeito da relação do tempo na Modernidade, seja pela complexidade do tema, seja pela insuficiência de páginas de nosso artigo. Contudo, ousamos confirmar a asserção de Vaz de que a questão do tempo é aquela em torno da qual orbitam os demais fenômenos modernos. Por meio dela, entrevemos a perda da estabilidade em essências metafísicas, instigadas pela inserção aristotélica na filosofia medieval, que legou à existência um elevado peso ontológico. Aos poucos, com a exclusão ocidental de Deus das justificativas filosóficas, a transcendência achatou-se na absolutização da imanência ou na relativização da verdade, como se pode ler em tendências crescentes do pensamento atual.

O desespero e a insegurança trazidas pelos tempos líquidos, como denunciou Bauman, acabam, enfim, por distorcer os limites espaciotemporais. Sem paradigmas sólidos ou certezas advindas de uma religião hegemônica, o indivíduo da contemporaneidade é, por vezes, aquele retratado pelo cansaço desiludido das personagens de Beckett e, agora, acometidas pelo tédio amedrontado na pandemia

de COVID-19. A rapidez das trocas e transações hodiernas servem mais para reiterar a sensação de confusão entre passado, presente e futuro, apontando somente para o escoamento contínuo do tempo. Em fluxo, o tempo líquido da contemporaneidade não permite pausas para o ato racional na presentidade, para reflexão sobre o pretérito ou para a previdência arrazoada do porvir. Tudo escoia sem pausas para que o *lógos* pondere detidamente. Isso é, a razão parece ter-se desgrudado de uma raiz sólida ou ainda da pedra fundante de um arcabouço eidético estável.

De nossa parte, agarramo-nos aos grandes pilares da história da filosofia para não sermos tragados por um rio de fotos, mensagens, *fake news* e sinalizações em redes sociais. No lugar do tédio assinalado pelo pensador brasileiro, colocamos o espanto e o maravilhamento (*thaumazein*) que tão bem germinaram o milagre grego. Se, portanto, um dos problemas da Modernidade são suas bases metafísicas afetadas pelas ideias aristotélicas, então propomos que revisitemos a mesma *Metafísica* em busca da reação emocionada que, segundo acreditamos, aparenta ser um bom fármaco ao nosso tédio e pavor niilistas. Concordamos com o estagirita ao pôr que, “de fato, os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos diante das dificuldades mais simples [...]” (*Met.*, 982b 10-14). Concluímos, assim, com a invitation para o cultivo da admiração primordial em alguma brecha possível como resistência ao abismo da necroética, apesar da dificuldade momentânea da própria exequibilidade desse convite.

Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Revisão de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BECKETT, Samuel. *Esperando Godot*. Tradução Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MIYAMOTO, Willian Isao; GUIMARÃES-FERNANDES, Flávio; CERON-LITVOC, Daniela. The quarantine experience set off by the COVID-19 pandemic, seen from a phenomenological perspective. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, v. 9, n. 2, p. 24-57, 2020.

NAUDIN, Jean. Opinião dos Especialistas – O mundo e a Covid-19. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, v. 9, n. 1, p. 108-116, 2020.

ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade*. Tradução de Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2020.

SUMMERFIELD, Derek. Depression: epidemic or pseudo-epidemic? *Journal of the Royal Society of Medicine*, v. 99, n. 3, p. 161-162, 2006.

THOMÉ, Brenda Bressan; DELLA GIUSTINA, Sílvia. Uma análise do tempo em *Esperando Godot*, de Samuel Beckett. *Qorpus*, Santa Catarina, n. 30, p. 91-96, jul/out, 2019.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

Recebido em: 24/05/2021.
Aprovado em: 07/06/2021.
Publicado em: 24/06/2021.